

## ***SARAMAGO AFTER THE NOBEL – CONTEMPORARY READINGS OF JOSÉ SARAMAGO’S LATE WORKS***

Paulo de Medeiros e José N. Ornelas (eds.). *Saramago After the Nobel – Contemporary Readings of José Saramago’s Late Works*. 2022 Peter Lang, 276 pp. ISBN 978-1-78707-894-9 (print)

ANA ISABEL CORREIA MARTINS  
UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

Paulo de Medeiros e José N. Ornelas, depois da parceria no volume *Da Possibilidade do Impossível: Leituras de Saramago* (2007), voltam a coordenar a 17ª edição da série “Reconfiguring identities in the Portuguese-Speaking World”, sob o título *Saramago After the Nobel – Contemporary Readings of José Saramago’s Late Works*. O presente volume reúne treze contribuições, tão diversas quanto complementares, na senda de colmatar a lacuna ou a pouca proeminência de estudos críticos da obra de Saramago pós-consagração do prémio Nobel. Não se defende uma rutura evidente na produção saramaguiana antes e depois do galardão da Academia Sueca, mas reconhece-se um aprofundamento das preocupações, um aperfeiçoamento das estratégias narrativas e uma visão crítica mais apurada sobre a vida, a (des)humanidade e as condições materiais da sociedade e antinomias da natureza humana.

Os capítulos dialogam de forma orgânica e o seu encadeamento foi bem cerzido, começando pelas celebrações mais globais, com a inscrição da obra de José Saramago na Literatura Mundial, deslizando para questões metafísicas e religiosas, nas dialéticas de Deus com o Homem, nos seus matizes existenciais e éticos, passando ainda pelas relações com os animais e com a ecologia. Igualmente sinérgicos e vitais são os *topoi* da viagem e da morte que, nas suas polissemias e desdobramentos simbólicos, se entrecruzam nas simbióticas relações de desejo e poder. Se nenhuma destas dimensões foi relegada no volume também nenhuma ganhou a primazia alcançando-se um equilíbrio assinalável na diversidade de leituras, todas na deriva dos preceitos esgotados do neo-realismo para ir ao encontro do post-modernismo (p.6). Na Introdução, os editores assinalam, pertinentemente, a importância da mundividência alegórica, último reduto na resposta às contradições da realidade, aparentemente una e estável se não forem abaladas as *placas tectónicas* e expostas as suas fissuras.

Mark Sabine (p.9-34) inaugura o primeiro capítulo discorrendo sobre o “efeito do Nobel”, que redimensionou a obra saramaguiana elevando-a a capital cultural. Esta ubiquidade da obra converteu o autor de Azinhaga num ativista à escala global, não passando incólume a várias polémicas. Tendo as teorizações de Bourdieu e Ommundsen como pano de fundo, assinalam-se os condicionamentos políticos na atribuição dos prémios literários e as implicações para a(s) literatura(s) de prémios como o Prémio Camões, The Man-Booker Prize, French Prix Goncourt. O autor não escamoteia as ligações umbilicais e de dependência entre a cultura, mercado editorial, indústria literária e ainda com os ascendentes de poder e prestígio das culturas. O autor argumenta que a admissão de autores dos Estados Unidos e a criação em 2005 do ‘International Prize’ representa uma perda de hegemonia e consequentemente uma abertura à cultura global. Da mesma forma, a integração de outros autores da CPLP alarga a panóplia de candidatos, mitigando as discrepâncias neste caminho da recuperação pós-colonial. Na terceira e última parte deste trabalho, coloca-se a interrogação em forma de quiasmo: Saramago depois do Nobel ter-se-á mantido uma instituição literária universal ou antes um intelectual anti instituições à escala global? Enaltece-se o comprometimento político, cívico e cultural de José Saramago quando se posicionou no conflito entre Israel e Palestina, quando se insurgiu contra uma certa tendência eurocêntrica, quando criticou as contradições capitalistas, e ainda quando defendeu, explicitamente, as suas amizades com figuras cimeiras da América Latina, fomentando a visibilidade de vanguardas literárias.

Paulo de Medeiros (p.35-52) segue a mesma linha de reconhecimento internacional da obra de José Saramago, modalizando para a sua inserção na Literatura mundial. O autor não deixa de enfatizar o que torna o Nobel português universalmente tão apelativo: a capacidade de se demarcar e transpor fronteiras nacionais e de se filiar numa literatura mais ampla pela causticidade alegórica e política. Fortemente enraizada em questões políticas e influenciada por ideologias, a Literatura Mundial, assim cunhada por Goethe - *Weltliteratur* -, no início do século XIX, tem-se circunscrito aos desígnios da Literatura Comparada. Neste campo, redefinem-se e reequacionam-se as fronteiras dos estudos literários, contestando a rigidez de zonas limítrofes e acendendo o debate sobre a instrumentalização das nações europeias com fisionomias coloniais. Numa pertinente alusão a David Damrosch subescreve-se a ideia de que a Literatura Mundial não é um cânone de textos, mas um modo de leitura, uma forma de envolvimento distanciado com mundos fora do nosso lugar e do nosso tempo. A composição do cânone imbrica em todas estas dialéticas de inclusão versus exclusão, na categorização da literatura menor e em ideias pré-concebidas. O autor desfila

ainda uma galeria de referências para consubstanciar várias antinomias: Agamben, Fanco Moretti, Emily Apter, Fredric Jameson, Neil Lazarus. A partir destes reequacionam-se três pontos: 1. noções de centro e da periferia ou semi-periferia; 2. A preferência do olhar sobre movimentos sistêmicos em detrimento de eventos individualizados; 3. A rejeição a formas alternativas à ‘singular modernity’ (p. 41). O escopo exemplificativo cinge-se sobretudo às obras *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *Ensaio sobre a Cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez*.

Mantendo o caráter universal e antinómico, mas agora em relação à natureza humana, José N. Ornelas (p.53-78) introduz uma segunda parte da coletânea consagrada ao eterno antagonismo entre Deus e o Homem e aos desentendimentos, aporias e irresoluções nas obras *Caim* e no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. O autor debruça-se sobre o retrato parodístico e irónico dos mitos e símbolos do Velho Testamento, especialmente o livro dos Genesis, na representação de um Deus vingativo, caprichoso, abominável, narcisista, sádico, coercivo, violento e obstaculizador da humanização do mundo. O foco ilumina o lado mais obscuro e sombrio da divindade em contraponto à compaixão, amor e perdão. José Ornelas realça questões nodais: desafiar a autoridade divina é uma forma de dar sentido à natureza humana e à sua dimensão picaresca, legitima o livre arbítrio, a responsabilização dos atos e o sentido de justiça. Os protagonistas são a sinédoque da nossa cultura que se coloca perante a agonia de questões sem resposta e que nessa ânsia de certezas firmes se fecham num conjunto de normas e preceitos a que chamam fé inquebrável e absoluta que tudo justifica: anular-se, morrer, matar. A leitura da Bíblia enquanto texto literário, distante desse refúgio secular e sagrado, outorga liberdade hermenêutica para o questionamento de verdades, normas e comportamentos, no escrutínio de inconsistências, ambiguidades e incongruência. No entanto, esta dessacralização do texto não encerra em si desrespeito religioso uma vez que mesmo sendo ateu José Saramago reconhece não ser alheio à mundividência dos valores ocidentais criados pela Igreja. José Ornelas aprofunda ainda as noções de Tempo e Espaço nos romances, analisando as malhas e as filigranas deste confronto entre o Céu e a Terra, lugares epónimos de tradição e mudança, Deus e Homem, silêncio e grito entre tantos outros binómios que daqui arborescem sinalizando as margens da (nossa) calamidade.

Expandindo esta temática religiosa, Manuel Frias Martins (p.79-90) posiciona o seu olhar na relação de José Saramago com a Bíblia, descortinando a *leitura encantada de um não crente* na encruzilhada ideológica e literária que se oferece. Assumidamente ateu ou não crente, nunca deixou de se fascinar pelas histórias e figuras bíblicas, pelo imaginário de violência e sacrifício, acreditando na força da inteligência e da vontade humana, seduzido pela natureza contraditória do homem, ora frágil ora nobre. Manuel Frias Martins convoca *O Evangelho*

*Segundo Jesus Cristo e Caim* a par de uma panóplia de outros escritores e obras canónicas que comungaram desta mesma devoção por aquilo que se afigura de verdadeiro e imutável na História da Religião: Charles Dicken (*The Life of Our Lord*), Nikos Kazantzakis (*A última tentação de Cristo*), Norman Mailer (*O Evangelho segundo o Filho*), Richard G. Patton (*A autobiografia*), Liev Tolstoi (*O Reino de Deus dentro de vós*). O autor enaltece Cristo e Caim como figuras catalisadoras para ressarcir e redimensionar o humanismo e os seus princípios, nos quais se devem ancorar os dogmas das instituições religiosas. As obras saramaguianas emancipam-se, no entanto, das restantes mencionadas, neste grito de dor e bandeira contra as decisões irracionais de um Deus dominante, punitivo e violento. Na esteira da contribuição anterior, Manuel Frias Martins defende Jesus e Caim como emblemas literários de todos nós, vítimas da própria existência e circunstâncias e a quem resta a aceitação do incontável. Este capítulo termina, inteligentemente, com a epígrafe do poeta Alfred Tennyson – *there lives more faith in honest doubt, / believe me, than in half of creeds* – validando toda a argumentação do capítulo. A tese aqui defendida funda-se na crença de que a ficção literária (seja ela qual for) é criada como arena de conflito e espaço lídimo de controvérsia, na desconstrução de dogmas cristalizados.

Carlos Nogueira (p.91-110) e Estela Vieira (p.111-130) fazem um ligeiro desvio do olhar para se dedicarem não às relações do Homem com os seus labirintos ontológicos, mas com a Natureza, meio ambiente e com os animais. Carlos Nogueira detém-se nos argumentos políticos, filosóficos, económico-sociais esgrimidos por José Saramago em defesa de uma diferente ocupação do planeta Terra. O autor começa por referir o manifesto *Novo Capitalismo* discutindo a relação simbiótica entre economia e política; assinala a urgência de uma reinvenção ética e a emancipação do reduto de nós próprios para assumirmos uma responsabilidade coletiva. O envolvimento de Saramago neste manifesto, o seu comprometimento e o compromisso com “nova ordem económica”, verdadeiramente democrática que beneficiasse as pessoas, o ambiente e o desenvolvimento sustentado e digno é o pano de fundo de todo o capítulo. Carlos Nogueira sublinha a convicção do Nobel de que a globalização, o sector financeiro e o progresso tecnológico tendem a tornar o indivíduo um instrumento ao serviço do modelo económico capitalista. Este modelo sócio-económico acirra o que de mais pernicioso existe na natureza humana: o materialismo, a amoralidade e imoralidade, dissipando o sentido de pertença, atomizando o indivíduo, usurpando e deturpando a nossa conexão com a Terra. Estela Vieira pondera a relação do homem com o animal num estudo comparativo entre o cão das lágrimas em *Ensaio sobre a Cegueira* e *Nós*

*Matámos o Cão-tinboso* de Luís Bernardo Honwana. A autora não se furta às pertinentes referências a Derrida e Agamben.

Sandra Ferreira (p.131-146) analisa comparativamente *A Caverna*, *O Homem Duplicado* e o *Ensaio sobre a Lucidez*, com especial enfoque para as correlações entre a estrutura formal e temática e na forma como representa a polarização social e as questões identitárias. Esta tríade serve o propósito de revelação das dinâmicas e comportamentos da sociedade ocidental, nas suas violências e brutalidades, mais ou menos declaradas, na qual os papéis do indivíduo são problematizados nas relações com trabalho, identidade e democracia. Acerca do *Ensaio sobre a Lucidez*, a autora convoca os conceitos de Erich Fromm's: *authoritarian conscience and humanistic conscience* para problematizar a autoridade governamental e as forças policiais. A reflexão sobre o voto em branco elucida-nos sobre os limites democráticos entre tantos outros espaços de liberdade ou usurpação dela. No mesmo alinhamento, Aline Ferreira (147-168) retoma *O Homem Duplicado* aprofundando a questão ética em torno do campo semântico de identidade, dualismo, duplicidade, alter ego, clone, na seda profética de um incauto uso das tecnologias reprodutivas. Os dilemas ético-filosóficos saramaguianos são cotejados com *The Scapegoat* de Daphne du Maurier e com *The Sense of the Past* de Henry James.

Hania A.M. Nashef (p.169-188) introduz um novo eixo de análise tanatológica e desenvolve a sua análise sobre *As Intermittências da Morte* e o poema épico *Mural* do poeta palestino Mahmoud Darwish iluminada pelos preceitos de Heidegger. Orlando Grossesse (p.189-210) intensifica o *thanatos* como pano de fundo, nesta pulsão saramaguiana pela morte seja na forma de substantivo seja na de verbo, nas ressonâncias de Maurice Blanchot e Jacques Derrida. *O Manual de Pintura e de Caligrafia* e *As Intermittências da Morte* sobem ao palco neste diálogo com a autonecrografia, termo criado por Orlando Grossesse em 1995, no decalque de Roland Barthes e entendido como o texto acerca da pessoa morta, traçado pelo próprio, na posição de sujeito e de objeto. O autor do artigo faz a distinção dos prefixos 'necro-' e 'thanato-', nos respectivos âmbitos literário e filosófico, na genealogia da *ars moriendi* de Lucrécio, Séneca, Platão e Cícero, coligidas nos *Ensaio*s de Montaigne. As intertextualidades e os diálogos desdobram-se por Yourcenar, Rilke, Proust.

E porque a morte é uma/a última viagem, em José Saramago assume diferentes níveis estéticos e semânticos. Adriana Martins (p.211-224) apresenta uma análise comparada entre *A Viagem a Portugal* e *A Viagem do Elefante*, cingindo-se às obras que apresentam explicitamente o tópico no título. A autora fundamenta a interligação de viagem(s) à luz de argumentos: a escrita d'*A viagem do Elefante* coincide com um momento de doença de Saramago, a dedicatória da obra feita a Pilar, em jeito de despedida, a morte do Elefante no final do romance e ainda

o facto das *Intermitências da Morte* ter sido o romance precedente. A tese defendida é de que a viagem é um operador cognitivo além de impulsionador para a interrupção da morte, examinando as deslocações narrativas fundamentais na discussão da modernidade do romance. Na coerência do tema, Ana Clara Medeiros e Augusto Silva Junior (p.225-240) retomam a obra *Intermitências da Morte* integrante da trilogia tanatográfica juntamente com *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *Todos os Nomes*. Os autores apresentam uma categorização ternária das obras saramaguianas para assumir a preferência hermenêutica pela genealogia da morte em todas as suas metamorfoses, variações e andamentos. David Frier (p.241-260) encerra o volume debruçando-se sobre a emblemática figura de *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido* e o assumido fascínio de Saramago pela ópera de Mozart, num escopo alargado de problematizações acerca da política de género. Sob o molde de D. Juan revisitado por vários autores, David Frier aborda as variações de todo o espectro entre a punição e a redenção, nos limites indestrinçáveis entre ingenuidade e malícia, liberdade e liberalidade, fundidos nos jogos de sedução. A questão nodal se Don Giovanni é ou não capaz de amar, fica-se pela interrogação, mas David Frier mantém-nos despertos para o facto da retórica do revisionismo histórico ter a capacidade de criar novas opressões para substituir as antigas, ciclicidades e circularidades tão bem consubstanciadas na obra de José Saramago.

Deixe-se uma derradeira palavra de enaltecimento do volume, pela inegável qualidade e diversidade das contribuições numa análise pluricêntrica da obra de José Saramago.